

500 anos

Policiais destróem monumento indígena

PM baiana invade aldeia em Porto Seguro para derrubar homenagem aos índios mortos nos últimos 500 anos

Paula Autran e Waldomiro Júnior

• RIO, SALVADOR e BRASÍLIA. A duas semanas da festa dos 500 anos, índios e homens brancos estão em pé de guerra em Coroa Vermelha, no Sul da Bahia. Desde a noite de anteontem, cerca de 200 policiais militares ocuparam o lugar onde índios pataxós estavam erguendo um monumento em memória dos índios mortos desde 1500. Com um trator, os policiais teriam destruído a base de concreto, na forma do mapa da América Latina, onde seriam colocadas a estátua de um índio e peças de artesanato indígena formando o chamado "Monumento à resistência". A obra ficaria próxima à cruz de aço feita pelo artista Mário Cravo e fincada em março pelo Governo federal, contra a vontade dos índios, ao lado da cruz de madeira que

desde a década de 30 marca o lugar onde foi rezada a primeira missa.

Segundo a secretaria de comunicação do Governo da Bahia, a decisão de demolir a base do monumento foi do ministro do Turismo, Rafael Greca. Avisado por assessores, ele teria enviado ofício ao governador da Bahia, César Borges, pedindo providências, disse o secretário de comunicação Social da Bahia, Fernando Vitta. Mas a assessoria do ministro negou que a ordem de invasão da reserva tenha partido do ministério ou de qualquer órgão do Governo federal.

— Eles chegaram por volta das 21h, armados com metralhadoras, sem mandado. Ficamos apavorados — contou o representante dos índios truckás, Aurivan dos Santos, que esteve no local acompanhando o cacique Carajá, de Coroa



Antonio Alberghini

PMS NA CHEGADA à reserva: destruição da base do monumento

Vermelha.

— Estamos sendo considerados invasores em nosso próprio território.

Reunidos ontem à tarde no recém-construído centro cultural de Coroa Vermelha, cerca de 170 índios da região de-

cidiram erguer o monumento no local de qualquer forma.

— A Polícia vai ter que sair daqui, pois o artigo 231 da Constituição proíbe que ela entre em nosso território sem ordem judicial. E ainda estão ameaçando derrubar 20 casas

da área da comemoração sem indenizar os moradores — disse a representante das Mulheres Indígenas do Extremo Sul, a pataxó Neusa Matos de Oliveira, acrescentando que a comunidade gastou R\$ 950 no monumento destruído.

Mas o governador César Borges instruiu a Polícia Militar a não permitir uma nova tentativa de construção do monumento de protesto indígena. A ordem é manter a área de Coroa Vermelha sob permanente vigilância. Segundo Josemar Siquara, assessor da prefeitura de Santa Cruz de Cabrália para assuntos ligados às comemorações dos 500 anos, o monumento indígena não pode ser construído no exato lugar onde está prevista a montagem do palco da missa de ação de graças do dia 26, lembrando a primeira missa rezada no Brasil.

— O palco começa a ser montado amanhã (hoje). Estamos propondo aos índios que o monumento seja relocado. Até porque, nada pode ser construído com concreto à beira-mar sem um Relatório de Impacto Ambiental (Rima).

— Não havia qualquer monumento lá, apenas uma área demarcada. Os tratores estavam ali para fazer a terraplanagem do terreno para a montagem do palco da missa — completou o major Uzeda, da PM de Cabrália, que participou da ação.

O monumento indígena é uma criação coletiva supervisionada pelo educador galês Dan Baron Cohen.

— A comunidade não desistiu do monumento. Os índios vão acionar judicialmente o Governo — disse Saulo Feitosa, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). ■

Class.	Data	Fonte	SOCIOAMBIENTAL	INSTITUTO	DOCUMENTAÇÃO
	6/14/2000				
	Salvador				
	287				